

Estamos, efectivamente, em face de uma longa e profunda reflexão sobre um tema candente da actualidade e agora tema sinodal, que muito irá ajudar os próprios padres sinodais e, porventura, o próprio Papa Francisco, nas suas próprias reflexões e nas posições que, finalmente, irão ser tomadas.

JORGE COUTINHO

## LITURGIA

**CARDITA, Ângelo, A experiência ritual cristã. Por uma prática teológica contextualizada e aberta,** Círculo Universitário, Porto, 2014, 144 p., 230 x 150, ISBN 978-972-8257-34-7.

O autor – doutorado *Summa cum laude* no Instituto de Santo Anselmo em Roma, professor de teologia sacramental e liturgia na Universidade Laval, no Quebec (Canadá) e frequente colaborador desta revista *Theologica* – propõe-se neste seu ensaio abrir caminho para ulteriores reflexões sobre o lugar, os modos e a importância da experiência ritual cristã. No ponto de partida da sua própria reflexão está a concepção da experiência como ambivalente de subjectividade e objectividade na celebração e na vivência da liturgia. Ela não exprime apenas o lado interior do encontro subjectivo com Deus e o divino – o «culto espiritual» de que falam João e Paulo –, mas também o seu lado exterior, como algo que é factor de comunitarização ou de construção da humanidade.

O Prof. Ângelo Cardita assume como motivação para a escrita deste valioso texto o facto de, em Portugal, não se conhecer, até este momento, qualquer reflexão crítica sobre a experiência ritual na liturgia. O que

se conhece são as adaptações apontadas pelo Concílio Vaticano II, na constituição *Sacrosanctum Concilium*, que substituíram formas arcaicas de celebração ritual pelas novas formas que estão agora em uso. No seu modo de observar e ver, «falta-nos captar a confluência da reforma litúrgica com a abertura política do nosso país aos valores democráticos, com a passagem de uma “civilização paroquial” a um modo urbano, com as condições económicas e a transformação das tradições» (Introd., p. 10).

É de parecer que uma teologia que passe por alto as mediações da experiência de Deus e do divino, nestas se incluindo a mediação dos símbolos rituais das celebrações litúrgicas, não passa de mera especulação abstracta. Diferentemente, e não sem alusão à revelação de Deus no seu «símbolo» por excelência que é o Verbo Encarnado, considera logicamente que «o rito é a única forma em que uma efectiva relação com Deus pode ser vivida de forma integral pelo ser humano» (p. 11). Na mesma linha, considera que a liturgia não pode ser reduzida a uma acção prática, antes deve constituir-se como lugar teológico de um melhor conhecimento de Deus, justamente o experimental, tanto quanto podemos falar de uma «experiência de Deus». É, no fundo a afirmação, em todo o seu vigor, com a exploração das suas implicações e de potencialidades significantes tradicionalmente inatendidas, da velha fórmula *lex orandi, lex credendi*, evitando a redução da revelação e da fé a algo extrínseco à existência humana, com a redução da teologia a uma antropologia.

Daí a intenção de fundo deste livro e do seu autor: contribuir – e, mais que isso, provocar e incentivar a continuação, por outros, do seu próprio contributo – para uma investigação litúrgica e teológica que tenha em conta essa complementaridade

da teoria e da praxis, do activo e do contemplativo, da epifania divina e da resposta livre do ser humano.

O livro está estruturado em cinco capítulos, versando respectivamente: Condições para uma prática teológica contextualizada; Aproximação crítica à ritualidade cristã; A herança da teologia recente (com particular referência a K. Rahner e a O. Casel); Confluências no símbolo; A liturgia cristã na pós-modernidade (onde, além do mais, se inserem um *excursus* de João Duque sobre a possibilidade de encontro na arte, considerações sobre a hipótese de um cristianismo não-religioso e a situação de um mundo secularizado). Cada capítulo encerra com um quadro de síntese e algumas questões para reflectir. Com índice remissivo de nomes e de algumas noções mais relevantes.

JORGE COUTINHO

## PASTORAL

LIMA, José da Silva, **Sabores à Mesa da Palavra – Ano B**, Edições Salesianas, Porto, 2014, 280 p., 200 x 145, ISBN 978-972-690-892-0.

Na sua palavra de «Abertura», o autor deste precioso livro faz questão de citar alguns versículos do salmo 118: «Como são doces ao meu paladar as tuas palavras / Mais doces que o mel para a minha boca». Um versículo que evoca aquela outra passagem da Escritura em que o profeta Ezequiel é convidado por Deus a engolir o rolo (o livro), para depois poder falar ao povo a que era enviado (cf. Ez 3, 1-3).

O título que o Prof. Padre José da Silva Lima quis dar ao seu livro (o primeiro de uma série de três) tem subjacente que àque-

le que prega a Palavra de Deus é necessário que primeiro a assimile, como verdadeiro alimento, saboreando-a. Só depois estará preparado para a servir à «mesa da Palavra» onde aqueles que o escutam são igualmente convidados, não só a escutar mas a saborear como ela é «doce como o mel».

Este saborear a Palavra é uma metáfora, cujo sentido facilmente se descobre como remetendo para a sua meditação – aquilo que Nietzsche referiu como um «ruminar» –, meditação lenta e interiorizante, assimiladora, feita com a mente e o coração, de tal modo que aquele que a pratica faz dessa Palavra carne da sua carne, deixando transparecer depois, na sua pregação, que não destila palavras vazias, mas fala testemunhalmente do que viu e ouviu – do que saboreou e fez seu.

São desta índole os textos homiléticos que constituem a matéria deste livro: Palavra divina, lida em cada domingo (neste caso, do Ano B do ciclo litúrgico), meditada e saboreada pelo autor, e agora oferecida a quem dela queira, de modo semelhante, alimentar-se a si mesmo, saboreando, para, por sua vez, oferecer aos fiéis da assembleia litúrgica uma Palavra saborosa, que se goste de ouvir e de dela fazer carne da sua carne e vida na sua vida.

Escritos num estilo muito próprio, muito terra-a-terra, mas com o nível doutrinal e pastoral de um padre que é também professor universitário na área da teologia, com especialização na pastoral, não raro com um toque poético que também faz parte do seu estilo de escrever, são textos, ao mesmo tempo, muito breves, como convém a uma verdadeira homilia.

O Prof. Padre José Lima aconselha o leitor a que não sucumba à tentação de devorar de uma só vez o livro todo ou grandes blocos do mesmo. Será, antes,